

KAMI GARCIA E MARGARET STOHL



**REDENCÃO
MARAVILHOSA**

Tradução
Margarida Malcato

1001
MUNDOS



Livro Um
Ethan



Casa

Um borrão de céu azul sob a minha cabeça.
Sem nuvens.

Perfeito.

Tal como o céu na vida real, apenas um pouco mais azul e sem tanto sol a bater-me nos olhos.

Acho que o céu na vida real nem sempre é perfeito. Talvez seja isso que o torna tão perfeito.

«Cheguei.»

Voltei a fechar os olhos.

Abrandei.

Não tinha a certeza se estava preparado para ver o que quer que estivesse ali para ser visto. É claro que o céu parecia mais bonito – sendo o Paraíso, tudo o era verdadeiramente.

Não que eu partisse do princípio de que era ali que estava. Eu fora um tipo decente, tanto pelo que podia dizer. Mas já vira o suficiente para saber que o que achava sobre tudo estava errado.

Tinha uma mente aberta, pelo menos segundo os padrões de Gatlin. Quer dizer, eu já ouvira as teorias todas. Já tivera a minha dose de sermões dominicais. E, após o acidente da minha mãe, Marian falou-me de um curso de Budismo a que assistiu na universidade de Duke, dado por um tipo chamado Buddha Bob,

que dissera que o paraíso era uma lágrima dentro de uma lágrima, dentro de uma lágrima, ou algo do género. No ano anterior a isso, a minha mãe tentou que eu lesse o *Inferno*, de Dante, que Link me dissera ser sobre um edifício que ardia, mas que na verdade era sobre a viagem de um tipo aos nove círculos do inferno. Só me lembro da parte que a minha mãe contou sobre os monstros ou demónios encurralados num pedaço de gelo. Acho que era no nono círculo do inferno, mas havia tantos círculos que, passado algum tempo, todos começaram a parecer o mesmo.

Depois do que eu aprendera sobre submundos, outros mundos e mundos paralelos, e o que quer que estivesse dentro do bolo de três camadas do universo que era o mundo dos Encantadores, aquele primeiro vislumbre de céu azul soube-me bem. Sentia-me aliviado por ver que havia à minha espera qualquer coisa parecida com um cartão piroso de boas-vindas. Não esperava portões de ouro nem querubins nus. Porém, o céu azul era um toque simpático.

Voltei a abrir os olhos. Continuava azul.

Um azul lindo.

Uma abelha grande zumbiu sob a minha cabeça e voou em direção ao céu, indo contra ele, como já fora tantas vezes.

Pois não se tratava do céu.

Tratava-se do teto.

E isto não era o Paraíso.

Eu estava deitado na antiga cama de madeira do meu quarto ainda mais antigo, na Propriedade Wate.

Estava em casa.

O que era impossível.

Pestanejei.

Continuava em casa.

Teria sido um sonho? Desejei desesperadamente que sim. Talvez fosse, tal como fora todas as manhãs dos primeiros seis meses após a morte da minha mãe.

«Por favor, deixa que tenha sido um sonho.»

Inclinei-me para ver se havia pó debaixo da cama. Senti a familiar pilha de livros e peguei num deles.

A Odisseia. Uma das minhas bandas desenhadas preferidas, embora eu tivesse a certeza de que a Mad Comix fizera uma adaptação demasiado livre da versão escrita por Homero.

Hesitei, e depois peguei noutro. *Pela Estrada Fora.* Ao ver o livro de Kerouac tive a prova irrefutável, pelo que rodei para o lado até ver o quadrado pálido na minha parede, onde, até há poucos dias – seriam mesmo poucos dias? – estivera pendurado o mapa esfarrapado com as linhas verdes a marcarem todos os locais descritos nos meus livros preferidos que eu desejava visitar.

Era realmente o meu quarto.

O velho relógio na mesinha de cabeceira junto à cama já não parecia funcionar, porém, tudo o resto parecia igual. Deve estar um dia quente, para janeiro. A luz que entrava pela janela era quase artificial – como se eu estivesse num dos horríveis *storyboards* de Link para um videoclip dos Rolantes Sagrados. Todavia, sem contar com a luz de estúdio, o meu quarto estava exatamente como eu o deixara. Tal como os livros debaixo da cama, as caixas de sapatos que guardavam a história da minha vida continuavam alinhadas contra a parede. Tudo o que devia estar ali, estava ali, pelo menos que eu desse conta.

À exceção de Lena.

«L? Estás aí?»

Não conseguia senti-la. Não conseguia sentir nada.

Olhei para as minhas mãos. Pareciam normais. Sem nódoas negras. Olhei para a minha *T-shirt* branca. Não tinha sangue.

Não tinha buracos nas calças, nem no corpo.

Fui à casa de banho e olhei para o espelho acima do lavatório. Ali estava eu. O velho Ethan Wate.

Continuava a olhar para o meu reflexo quando ouvi um barulho vindo de baixo.

– Amma?

O meu coração saltou, o que foi engraçado, visto que quando acordei nem tinha a certeza de que ele batia. Fosse como fosse, era capaz de ouvir os barulhos da minha casa vindos da cozinha. As tábuas do chão rangiam à medida que alguém andava para trás e para a frente diante dos armários, do fogão e da antiga mesa da cozinha. Os mesmos passos de sempre, fazendo exatamente o mesmo todas as manhãs.

Caso fosse manhã.

O cheiro da nossa velha frigideira no fogão subiu ao andar de cima.

– Amma? Isso não é *bacon*, pois não?

A voz soava calma e clara.

– Querido, acho que sabes o que estou a cozinhar. Só há uma coisa que sei cozinhar. Se é que posso dizer assim.

Aquela voz.

Era tão familiar.

– Ethan? Quanto tempo é que me vais fazer esperar para te dar um abraço? Já aqui estou em baixo há algum tempo, querido.

Não conseguia compreender as palavras. Não conseguia ouvir mais nada para além da voz. Já a ouvira, há relativamente pouco tempo, mas nunca desta forma. Tão alta, clara e cheia de vida como se estivesse lá em baixo.

E estava.

As palavras pareciam música. Afastavam a tristeza e a confusão.

– Mãe? Mãe!

Corri escadas abaixo, três degraus à vez, antes de ela conseguir responder.

Tomates Verdes Fritos

A li estava ela, de pé e descalça, na cozinha, com o cabelo penteado da maneira que eu recordava – meio para cima e meio para baixo. A camisa branca abotoada e amarrotada – a que o meu pai costumava chamar de *uniforme* – ainda estava coberta com a tinta do seu último projeto. As suas calças estavam enroladas para cima, como sempre, estivesse ou não na moda. A minha mãe nunca se importava com essas coisas. Tinha a nossa velha frigideira preta cheia de tomates verdes numa mão e um livro na outra. Provavelmente tinha estado a cozinhar enquanto lia, sem olhar para cima. Sem se aperceber de que cantarolava uma parte de uma canção, que possivelmente não conseguia ouvir.

Era a minha mãe. Parecia exatamente a mesma.

Talvez eu tivesse sido o único a mudar.

Dei um passo em frente e ela aproximou-se de mim, deixando cair o livro.

– Aí estás tu, meu querido.

Senti o meu coração ficar de pernas para o ar. Nunca ninguém me chamava assim, não queriam e eu não deixaria que me chamassem. Só a minha mãe. Depois, os braços dela rodearam-me e o mundo inclinou-se à nossa volta à medida que eu enterrava o rosto no abraço dela. Inalei o aroma caloroso, a sensação

calorosa e tudo o que havia de caloroso no que a minha mãe me dava.

– Mãe. Voltaste.

– Um de nós voltou – suspirou ela.

Foi quando me apercebi. Ela estava na minha cozinha, e eu estava na minha cozinha, o que significa uma de duas coisas: ou ela regressara à vida, ou...

Eu não tinha morrido.

Os seus olhos estavam cheios – de lágrimas, amor, compaixão – e, antes de me aperceber, os seus braços estavam novamente à minha volta.

A minha mãe compreendia sempre tudo.

– Eu sei, meu querido. Eu sei.

O meu rosto encontrou o seu antigo esconderijo na curva do ombro dela.

Ela beijou o alto da minha cabeça.

– O que te aconteceu? Não devia ter sido assim. – Ela afastou-se para poder ver-me. – Nada deveria ter acabado assim.

– Eu sei.

– Mas, enfim, não é que exista uma maneira certa de morrer, pois não? – Ela beliscou-me o queixo e sorriu olhando-me nos olhos.

Eu memorizara-a. O sorriso, o rosto. Tudo. Era tudo o que eu tinha quando ela desaparecera.

Eu sempre soubera que ela estava viva em algum lado, de algum modo. Salvara Macon e enviara-me as canções que me guiaram em todos os capítulos estranhos da minha vida com os Encantadores. Estivera sempre presente, tal como tinha estado quando era viva.

Foi apenas um momento, mas eu queria preservá-lo o mais possível.

Não sei como chegámos à mesa de cozinha. Não me lembro de nada a não ser do calor sólido dos seus braços. Contudo, ali estava eu, sentado, na minha cadeira habitual, como se os

últimos anos nunca tivessem passado. Havia livros em todo o lado – e, segundo parecia, a minha mãe já lera metade de quase todos, como de costume. Uma meia, provavelmente acabada de ser lavada, estava presa n’ *A Divina Comédia*. Um guardanapo espreitava de dentro da *Iliada* e, por cima, um garfo marcava a página de um volume de mitologia grega. A mesa da cozinha estava cheia com os seus amados livros, uma pilha de livros de bolso mais alta do que a outra. Sentia-me como se estivesse de novo na biblioteca com Marian.

Os tomates crepitavam na frigideira e eu inalei o aroma da minha mãe – papel amarelecido e óleo queimado, tomates novos e cartão antigo, tudo atado com pimenta-de-caiena.

Não era de admirar que as bibliotecas me deixassem faminto.

A minha mãe pôs um prato de loiça azul e branco na mesa, entre nós. *Dragonware*. Sorri porque era o seu preferido. Deitou os tomates quentes num guardanapo de papel, espalhando pimenta por todo o prato.

– Aqui tens. Vai-te a ele.

Espetei o garfo no pedaço mais próximo.

– Sabes, não comia isto deste que tu... desde o acidente.

– O tomate estava tão quente que me queimou a língua.

Olhei para a minha mãe.

– Nós estamos... Isto é...?

Ela retribuiu um olhar vazio.

Voltei a tentar.

– Tu sabes. O Paraíso?

Ela riu-se, deitando chá doce para dois copos grandes – sendo o chá a outra única coisa que a minha mãe sabia fazer.

– Não, isto não é o Paraíso, EW. Não exatamente.

Eu devo ter-lhe parecido preocupado, como se tivesse pensado que tínhamos ido os dois parar ao outro lado. Mas tal também não podia ser, pois – por mais piroso que soe – estar outra vez com a minha mãe era o Paraíso, independentemente

de o universo achar o mesmo ou não. Mas, enfim, ultimamente eu e o universo não concordávamos muito.

A minha mãe pressionou a mão contra a minha bochecha e sorriu, abanando a cabeça.

– Não, isto não é nenhum lugar final de repouso, se é isso que queres dizer.

– Então, porque estamos aqui?

– Não sei bem. Não nos dão um manual de instruções quando chegamos. – Pegou na minha mão. – Eu sempre soube que estava aqui por tua causa. Algum assunto inacabado, alguma coisa que devesse ensinar-te, dizer-te, mostrar-te. Foi por isso que enviei as canções.

– As Canções Pressagiosas.

– Exatamente. Mantiveste-me muito ocupada. E, agora que aqui estás, sinto que nunca mais nos vamos separar. – Ficou de rosto fechado. – Sempre esperei ver-te outra vez. Mas tinha a esperança de esperar mais um bocadinho. Lamento muito. Sei que deve estar a ser terrível para ti, deixar a Amma e o teu pai. E a Lena.

Assenti.

– É horrível.

– Eu sei. Senti o mesmo – disse ela.

– Com o Macon? – As palavras saíram-me da boca antes que eu pudesse detê-las.

Ela corou.

– Acho que mereci essa pergunta. Mas nem tudo o que acontece na vida de uma mãe é algo que ela tenha de falar com o seu filho de dezassete anos.

– Desculpa.

Ela apertou-me a mão.

– Acima de tudo, tu eras a pessoa que eu não queria deixar. E, acima de tudo, tu eras a pessoa que mais me preocupe em deixar. Tu e o teu pai. Ainda bem que o teu pai está ao cuidado de Ravenwood. A Lena e o Macon têm-no sob proteção

de Encantamentos poderosos, e a Amma inventa histórias. O Mitchell não sabe o que te aconteceu.

– A sério?

Ela assentiu.

– A Amma diz-lhe que tu estás em Savannah com a tua tia, e ele acredita.

O seu sorriso vacilou e ela olhou para as sombras através de mim. Sabia que devia estar preocupada com o meu pai, apesar de ele estar sob o feito de Encantamentos. A minha partida repentina de Gattlin magoava-a provavelmente tanto como a mim próprio – presenciar e ver tudo sem poder fazer nada.

– Mas não é uma solução a longo prazo, Ethan. Neste momento, estão todos a fazer o melhor que podem. É assim que as coisas normalmente são.

– Eu lembro-me. – Já passara por isso.

Ambos sabíamos quando.

Ela não disse mais nada, limitou-se a pegar no garfo. Começamos os dois em silêncio o resto da tarde, ou por um momento. Já não tinha noção do tempo, e não tinha a certeza se isso importava.



Sentámo-nos no alpendre de trás a apanhar e a comer cerejas cristalinas e a observar as estrelas que apareciam. O céu desbotara azul-escuro e as estrelas apareciam em confusos conjuntos brilhantes. Vi estrelas do céu Encantador e do céu Mortal. A lua dividida pendia entre a Estrela do Norte e a Estrela do Sul. Não sabia que era possível ver dois céus ao mesmo tempo, dois conjuntos de constelações, mas era. Agora podia ver tudo, como se eu fosse, ao mesmo tempo, duas pessoas diferentes. Finalmente um fim para aquilo da Alma Dividida. Acho que uma das vantagens de morrer foi ter as duas metades da minha alma unidas outra vez.

«Pois, claro.»

Agora que tudo acabara, todas as coisas se tinham unido, ou talvez por tudo ter acabado. Acho que a vida às vezes é assim. Daqui tudo parecia tão simples, tão fácil. Tão incrivelmente certo.

«Porque é que esta era a única solução? Porque tinha de acabar assim?»

Encostei a cabeça ao peito da minha mãe.

– Mãe?

– Meu querido.

– Preciso de falar com a Lena.

Pronto, ali estava. Finalmente dissera-o. A única coisa que me impedira de exalar o dia todo. O que me fizera sentir como se não me conseguisse sentar, como se não conseguisse ficar. Como se tivesse de me levantar e ir a alguma lado, ainda que não tivesse nenhum sítio para onde ir.

Como a Amma costumava dizer, a coisa boa acerca da verdade é que é verdadeira, por isso, não pode ser contestada. Podemos não gostar dela, mas isso não faz com que seja menos verdadeira. Era tudo o que eu tinha a que me agarrar.

– Não podes falar com ela. – A minha mãe franziu o sobrolho. – Pelo menos, não é fácil.

– Preciso de dizer-lhe que estou bem. Eu conheço-a. Ela está à espera de um sinal meu. Tal como eu estava à espera de um sinal teu.

– Aqui não há nenhum Carlton Eaton para lhe enviar uma carta tua, Ethan. Não podes enviar uma mensagem deste mundo e não podes chegar até ela. E, ainda que pudesses, não conseguirias escrever nenhuma. Nem sabes quantas vezes desejei que tal fosse possível.

Tinha de haver uma maneira.

– Eu sei. Se fosse, teria recebido mais notícias tuas.

Ela olhou para as estrelas. Os seus olhos brilharam com a luz refletida enquanto falava.

– Todos os dias, meu querido. Todos os dias.

– Mas descobriste uma maneira de falar comigo. Usaste os livros do escritório e as canções. E vi-te na noite em que fui ao cemitério. E no meu quarto, lembras-te?

– As canções foram ideia dos Grandiosos. Acho que por tê-las cantado quando tu eras criança. Mas todas as pessoas são diferentes. Acho que não podes enviar uma Canção Pressagadora a Lena.

– Mesmo que soubesse escrever uma... – O meu talento para escrever canções fazia com que o Link parecesse um dos Beatles.

– Não foi fácil para mim, e já cá estava há muito mais tempo do que tu. E a Amma, a Twyla e a Arelia ajudaram-me. – Olhou para os céus gémeos. – Tens de ter presente que a Amma e os Grandiosos têm poderes que eu desconheço.

– Mas tu eras uma Guardiã. – Tinha de haver coisas que ela sabia e eu não.

– Sim, eu era uma Guardiã. Fiz o que o Registo Distante não queria que eu fizesse. Não nos devemos meter com eles, nem com os seus registos.

– *As Crónicas Encantadoras?*

Ela pegou numa das cerejas do passador e examinou-a. Demorou tanto tempo a responder que comecei a pensar que não me ouvira.

– O que sabes sobre *As Crónicas Encantadoras?*

– Antes do julgamento da tia Marian, o Concelho do Registo Distante veio à biblioteca e trouxe o livro com eles.

Ela poisou o antigo passador de metal no degrau por baixo de nós.

– Esquece *As Crónicas Encantadoras*. Já nada disso importa.

– Porquê?

– Falo a sério, Ethan. Não estamos imunes ao perigo, tu e eu.

– Perigo? De que estás a falar? Nós já estamos... tu sabes.

Ela abanou a cabeça.

– Estamos apenas longe de casa. Temos de descobrir o que nos mantém aqui, e seguir em frente.

– E se eu não quiser seguir em frente? – Não estava pronto para desistir. Não enquanto Lena me esperasse.

Mais uma vez, ela demorou imenso tempo a responder. Quando o fez, soou o mais obscura possível.

– Acho que não tens escolha.

– Tu tiveste – disse eu.

– Não foi uma escolha. Tu precisavas de mim. É por isso que estou aqui, por ti. Mas nem eu posso mudar o que aconteceu.

– Ai, não? Podias tentar. – Dei por mim a esmagar uma cereja na mão. O sumo pintou-me os dedos de vermelho.

– Não há nada a tentar, Ethan. Acabou. É demasiado tarde.

– Ela estava a sussurrar, mas parecia que gritava.

Fiquei cheio de raiva por dentro. Atirei uma cereja para o quintal, depois outra, e depois o passador inteiro.

– Bem, a Lena, a Amma e o pai precisam de mim, e não desistirei. Sinto que não devia estar aqui, como se isto fosse um erro enorme. – Olhei para o passador vazio que tinha nas mãos.

– E não estamos na época das cerejas. Estamos no inverno. – Olhei para ela com os olhos cheios de lágrimas, embora tudo o que conseguisse sentir fosse raiva. – Supostamente deveríamos estar no inverno.

A minha mãe poisou a mão dela em cima da minha.

– Ethan.

Afastei-me.

– Não tentes fazer com que me sinta melhor. Tive saudades tuas, mãe. A sério. Mais do que tudo. Mas, apesar de estar muito feliz por te ver, quero acordar e ver que nada disto aconteceu. Percebo por que razão tive de fazê-lo. Percebo. Está bem. Mas não quero ficar aqui preso para sempre.

– O que achaste que iria acontecer?

– Não sei. Isto, não. – Seria verdade? Será que pensara realmente que poderia sacrificar o meu próprio bem pelo bem